

13. O espaço da nossa fidelidade

"Permaneça no meu amor" (Jo 15, 9c).

Este "permanecer", se é uma graça sem mérito, porque tudo vem de Deus – "Mas amamos, porque Deus nos amou primeiro", exclama São João na sua Primeira Carta (4, 19) – é um dom que, exatamente porque Jesus nos pede, exatamente porque o oferece à nossa liberdade, implica uma responsabilidade, um consentimento, aquele da fidelidade. Toda a nossa fidelidade é chamada a jogo no permanecer no amor de Cristo.

Muitas vezes, se carrega o conceito de fidelidade a Deus e à vocação de uma série de exigências, preceitos e deveres. Mas, na realidade, toda a fidelidade que Deus deseja de nós é essa do permanecer no seu amor. Então, isso se declina em mil formas, e se exprime na fidelidade a determinadas pessoas, a determinadas coisas a fazer ou não fazer, a determinadas coisas a dizer ou não dizer, a pensar e crer etc. Mas se todas essas fidelidades as extraímos da fidelidade ao permanecer no amor de Cristo, permanecemos dissipados, e então começamos a perder o controle das várias peças do mecanismo de fidelidade que construímos ou imaginamos. Quantos monges, monjas, sacerdotes ou leigos engajados queixam-se de não conseguir rezar bem porque ocupados e preocupados com várias tarefas e serviços relacionados à sua responsabilidade. Humanamente isso é compreensível, mas os santos nos ensinam que quando estamos atentos ao essencial, tudo se ordena e se apresenta dentro de seu âmbito.

No fundo, fora do permanecer no amor de Cristo se cai no pecado. Porque quando não habito neste amor, encontro-me no espaço de rejeição do amor que escolheram os anjos decaídos. Lúcifer e seus seguidores não quiseram permanecer no amor de Cristo, aquele amor que desde a eternidade decidira amar as criaturas humanas até ao extremo da encarnação do Filho de Deus e até ao extremo da morte na Cruz. Num instante estes anjos recusaram-se a permanecer neste amor, a permanecer neste amor tão gratuito, tão misericordioso, a amar os seres humanos e, além disso, pecadores, como o Filho é amado pelo Pai. O diabo arde de ciúmes por esse amor misericordioso concedido à humanidade pecadora.

O pecado original de Adão e Eva também foi para o homem como um deslizar fora do amor de Cristo, fora do amor da Trindade. Comendo o fruto, é como se os primeiros pais tivessem saído do espaço do permanecer no amor de Deus, na ilusão, sugerida pela serpente, de que fora desse amor houvesse uma possibilidade de realização maior do que nele, mais divina do que o amor de Deus. O demônio sabia que não é verdade, porque ele já saiu desse espaço e encontrou apenas o nada da rejeição do amor, o nada do ódio. O inferno não está fora de Deus, porque Deus é tudo. O inferno está fora do amor de Deus, no sentido de que é apenas um espaço de liberdade que rejeitou o amor e, portanto, a alegria para a qual somos feitos.

Experimentamo-lo cada vez que, pouco ou muito, cedemos a qualquer tentação contra o amor. Encontramo-nos como peixes fora d'água, fora do habitat para o qual nosso coração é feito. Encontramo-nos num espaço vazio e triste, cinza, sem alegria, numa solidão abandonada. E tudo nos parece estranho, sem beleza. Lembro-me sempre de uma vez que, quando jovem, estava nas montanhas esquiando e não me lembro mais qual briga desagradável tive com alguém, e estava cheio de rancor e orgulho ferido. E enquanto eu subia com o teleférico, em um dia estupendo, de repente notei a paisagem, a neve, as montanhas, o céu. E fiquei assustado porque toda aquela beleza me era estranha, não me

maravilhava, não me dilatava o coração como sempre acontecia comigo normalmente. E ali entendi que o pecado não é apenas feio em si mesmo: ele torna tudo feio, porque o olho do coração não vê mais o amor que se esconde e se revela em toda a criação.

Mas digo isto porque não devemos esquecer que, quando Jesus chegou a dizer na Última Ceia: "Permaneçei no meu amor", ele certamente estava consciente de que tinha vindo e estava prestes a morrer na Cruz precisamente para permitir a todos os pecadores, a todos os homens desviados fora do permanecer inocentemente no amor de Deus que o paraíso terrestre simbolizava, permitir a todos de voltarem e permanecerem neste espaço, graças a Ele, pela sua graça, no dom pascal do Espírito Santo.

Então, devemos meditar sobre como retornamos ao amor de Cristo e como permanecemos nele. Cristo pede-nos de permanecer no seu amor, no seu amor que nos transmite todo o amor da Trindade, no seu amor que é um dom totalmente gratuito, no seu amor que salva o mundo, no seu amor que é o tesouro, a pérola preciosa a salvaguardar, no seu amor que não merecemos. Ele nos pede *apenas* para "permanecer" no seu amor, que no fundo é uma atitude quase passiva, um estar ali que é como um pousar-se, um repousar, como uma criança permanece, repousa nos braços e no peito de sua mãe.

Mas, assim, como Jesus nos pede, e pelo modo como o pede, entendemos que permanecer, habitar é nosso dom ao infinito e total dom de Deus.

Nosso dom não acrescenta nada ao de Cristo. Mas o dom de "permanecer" aceita como que ser absorvido no dom de Cristo. Se permaneço no amor de Jesus, é como se todo o meu ser fosse absorvido Nele, no Tu amante do Senhor. Mas o amor gratuito de Cristo, justamente por ser gratuito, não absorve o outro, anulando-o, consumindo-o em si mesmo como se assimila um alimento. Pelo contrário, dá-lhe a plenitude do seu ser "outro", de ser um "tu" para o "TU" absoluto da divina Pessoa do Filho; e isto, na comunhão mais estreita que possa haver: aquela do Seu amar-me como o Pai o ama.

Como não pensar no episódio após o discurso de Jesus na sinagoga de Cafarnaum. Jesus, com efeito, anunciou, no discurso sobre a Eucaristia, que nos é dado ser absorvidos, assimilados ao dom do seu Corpo e do seu Sangue: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue, verdadeiramente uma bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que me enviou vive, e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne viverá por mim" (Jo 6, 54-57).

Então quase todos o deixam. Eles não entendem, interpretam de acordo com seus esquemas, e fazem o oposto da única coisa que Jesus pede para entrar nessa experiência e, portanto, serem iluminados e convencidos dela: eles vão embora, ou seja, *não permanecem*. Com exceção dos apóstolos que, confusos e perturbados com o discurso de Jesus como todos os outros, pelo menos entenderam que somente permanecendo poderão entrar neste mistério:

"Então, Jesus perguntou aos Doze: 'Quereis vós também retirar-vos?'. Respondeu-lhe Simão Pedro: 'Senhor, a quem iríamos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus!'" (Jo 6, 67-69).

Pedro intui que se não permanece com Jesus não permanece com ninguém, nem mesmo consigo mesmo. Não teria mais uma morada, não teria mais uma relação que o vivifica, que dá sentido à sua vida.